

N.º 22

N.º 308

DEMONSTRAÇÃO ANATOMO-PATHOLOGICA E CLINICA
DA CURABILIDADE DA PTHYSICA PULMONAR

SEO TRATAMENTO PROPHILACTYCO

DISSERTAÇÃO INAUGURAL

PARA

ACTO GRANDE

APRESENTADA Á

ESCHOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

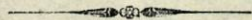
PARA SER DEFENDIDA

POR

Joaquim Borges Garcia de Camphas.

SOB A PRESIDENCIA DO ILL.^{mo} E EXC.^{mo} SNR.

Dr. José Carlos Lopes



PORTO

TYPOGRAPHIA DE JOSÉ COELHO FERREIRA
Rua das Taypas n.º 65

1871

13/22 ENC

ESCHOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

DIRECTOR

O Illm.º e Excm.º Snr. Conselheiro Manoel Maria da Costa Leite.

SECRETARIO

O Illm.º e Excm.º Snr. Antonio d'Oliveira Monteiro.

CORPO CATHEDRATICO

LENTES PROPRIETARIOS

Os Ill.ºs e Ex.ºs Snrs.

- | | |
|---|--------------------------------|
| 1. ^a — Cadeira Anatomia descriptiva e geral. | João Pereira Dias Lebre. |
| 2. ^a Cadeira—Physiologia. | Dr. J. Carlos Lopes |
| 3. ^a Cadeira— Historia natural dos Medicamentos, Materia Medica | João Xavier d'Oliveira Barros |
| 4. ^a Cadeira— Pathologia externa e Therapeutica externa | Illidio Ayres Pereira do Valle |
| 5. ^a Cadeira— Medicina operatoria. | Pedro Augusto Dias |
| 6. ^a Cadeira—Partos, molestias das mulheres de parto e dos recém-nascidos. | Manoel Maria da Costa Leite |
| 7. ^a Cadeira—Pathologia interna, Therapeutica interna e Historia Medica | José d'Andrade Gramaxo |
| 8. ^a Cadeira—Clinica medica | A. F de Macedo Pinto, |
| 9. ^a Cadeira—Clinica cirurgica. | Agostinho Antonio do Souto |
| 10. ^a Cadeira—Anatomia Pathologica | Dr. Miguel A. Cezar d'Andrade |
| 11. ^a Cadeira—Medicina legal, Hygiene privada e publica, Toxicologia geral | Dr José F. A. de Gouvêa Osorio |

LENTES JUBILADOS

- | | |
|----------------------------|--------------------------------|
| Secção medica | { José Pereira Reis |
| | { Dr. Francisco Veloso da Cruz |
| | { Antonio B. d'Almeida |
| Secção cirurgica | { Luiz Pereira da Fonseca |

LENTES SUBSTITUTOS

- | | |
|------------------------------------|-----------------------------|
| Secção medica. { | Joaquim G. Gomes Coelho |
| Curso de Pathologia geral. | Antonio d'Oliveira Monteiro |
| Secção cirurgica | Eduardo Pereira Pimenta |

DEMONSTRADORES

- | | |
|----------------------------|------|
| Secção cirurgica | Vaga |
|----------------------------|------|

ESCHOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

DIRECTOR

SECRETARIO

CORPO CATHEDRATICO

LENTES PROPRIETARIOS

Os III.ºs e IV.ºs Srs.

A escola não responde pelas doutrinas expendidas na dissertação e enunciadas nas proposições.

(Regulamento da Escola de 23 de Abril de 1840, art. 155.)

LENTES INDULGENTES

LENTES SUBSTITUTOS

DEMONSTRADORES

A

MEUS PAES, A MEUS IRMÃOS A MEU CUNHADO

**PUBLICO TESTEMUNHO DE GRATIDÃO
PELOS SACRIFICIOS A QUE OS TENHO OBRIGADO**

A MEU IRMÃO E PADRINHO

JOSE' BORGES GARCIA

amizade e reconhecimento

AO ILL.^{mo} SNR.

Dr. José Luiz Gomes

RESPEITOSA AMIZADE E GRATIDÃO

AO ILL.^{mo} SNR.

Gaspar da Costa

INTIMA AMIZADE E GRATIDÃO

Cl.

À MEMORIA DE MEUS

IRMÃOS, DE MINHA IRMAN E DE MINHA CUNHADA

SAUDADE ETERNA!

À MEMORIA

DO MEU CONDÍSCIPULO E AMIGO

Antonio Joaquim Mendes de Souza Moreira

SAUDADE!

OF.

A

Gaspar Borges Garcia Pereira

amizade fraternal

A

José Mendes da Costa e Silva

SYMPATHIA, AMISADE FANATICA
E GRATIDÃO

AOS MEUS AMIGOS

Antonia Mendes Lages

Domingos M. de Mendonça

Francisco das Santas e Cunha

E

João Ignacia Teixeira de Vasconcellos

DEDICAÇÃO NUNCA INTERROMPIDA.

A

José d'Almeida Pedroso

E AO MEU COLLEGA

Manoel Joaquim d'Oliveira Coelho

SINCERA AMISADE

Q.

AOS

MEUS COMPANHEIROS

Luiz Xavier Barboza,
Bernardino de Sena Marujão,
Antonia Ignacia Coimbra,
Mameel Correia da Rocha,

e

José Relvas

em testemunho de boa e íntima convivência

AOS

ILL.^{mos} SNRS.

João Pêlicio Pereira, e

Delphin José Monteiro Guimarães

em testemunho de sincera amizade e gratidão

Q.

AO

ILL.^{mo} E EX.^{mo} SNR.

Dr. José Carlos Lopes

EM SIGNAL DE PROFUNDA
SYMPATHIA E
GRATIDÃO

OF.

Joaquim Borges Garcia de Campos.

AOS

MEUS CONDISCIPULOS DO 5.º ANNO

—
INTIMA AMISADE E DEDICAÇÃO

Q.

DEMONSTRAÇÃO ANATOMO-PATHOLOGICA E CLINICA

DA

CURABILIDADE DA PTHYSICA PULMONAR

SEU TRATAMENTO PROPHYLACTICO

INTRODUÇÃO

*Nous pensons qu'il n'existe pas de
forme de la maladie (phtysis) que
l'on soit en droit de déclarer néces-
sairement au-dessus des ressour-
ces de l'art ou de la nature.*

HERARD ET CORNIL.

Ainda hoje está profundamente arraigada no animo de grande numero de praticos a crença de que a pthysica pulmonar é absolutamente incuravel, de que a medicina é impotente em presença de tão terrivel inimigo; todavia a sciencia registra factos, fornece um sem numero de provas, que sam base solida para levantar um protesto contra tal crença, que redunda tanto em prejuizo da humanidade, como em descredito da medicina. E o facto tem sua razão de ser.

E' nos grandes hospitaes que os futuros praticos observam os primeiros casos d'esta doença, e alli rarisimas vezes os individuos affectados de tuberculos pulmonares logram ver-se livres do mal que pouco e pouco lhes vae minando a existencia; d'aquí a duvida, que, tornando o pratico descrente na efficacia dos meios a que se socorre, é extremamente perigosa para os doentes.

Durante o nosso tirocinio clinico havemos notado que, quantos pthysicos vem procurar o auxilio da medicina no Hospital de Santo Antonio, todos caminham a passos de gigante para a sepultura; não lhes aproveitam para os reanimar em suas esperanças os desvelados cuidados, que os cercam, nas enfermarias da Escola: e que admira, se lhes faltam as condições mais essenciaes para suspender o passo á doença, os meios hygienicos?

Salas mal expostas, tão humidas, que se vê a agua correr pelas paredes, ventilação imperfeita, doentes amontoados, ar impuro; eis as circumstancias, em que vem collocar-se os infelizes torturados pela pthysica pulmonar; são ellas de per si sufficientes para aggravar as mais leves affecções, para explicar a evolução de tuberculos pulmonares em organizações as mais robustas e sadias, que vierem submeter-se á sua acção incessante e prolongada.

Se antes de serem lançadas as bases para os estabelecimentos hospitalares, levantados pela caridade d'uns, pela vaidade de muitos, e quiçá pelos remorsos d'alguns, se antes de serem lançadas as bases para os estabelecimentos hospitalares, iamos nós dizendo, fossem

procurados e attendidos os conselhos d'homens competentes, melhor iria á humanidade!

Se a lethallidade da pthysica pulmonar é tão terrivel nos hospitaes, se a therapeutica é tão pouco efficaç n'estes estabelecimentos, deve isso attribuir-se a um conjuncto de circumstancias, que não é dado ao facultativo remover. Vá a responsabilidade a quem toca.

Não sirva, pois, o tirocinio clinico para infiltrar a descrença no espirito do pratico; é de todo ponto conveniente observar os factos sem os desprender de suas relações, attribuil-os ás suas verdadeiras causas, quando a intelligencia as pode attingir: as funestas condições hygienicas explicam em parte o resultado desanimador da observação nosocomial relativamente á pthysica pulmonar.

E, como a crença na efficacia dos meios não é a ultima das qualidades do pratico, deve elle robustecer-se na fé para poder lutar com vantagem contra um inimigo perigosissimo sim, mas não invencivel—a pthysica pulmonar.

PRIMEIRA PARTE

E' uma verdade admittida sem contestação que a anatomia pathologica com as suas incessantes e infatigaveis investigações, indo em seguimento das pegadas da morte, tem concorrido poderosamente para o progresso de diferentes ramos das sciencias medicas.

E' a anatomia pathologica que tem derramado a luz, qué veio esclarecer factos obscuros; é a anatomia pathologica, que veio firmar principios, a que faltavam solidos fundamentos; é á anatomia pathologica, que se devem preciosos dados, que nos sam de grande valia para aventar juizo á cerca da terminação possivel de muitas doenças.

Haviam decorrido seculos e seculos, e na fronte dos pthysicos sempre gravada a terrivel inscripção que o poeta italiano tinha posto sobre a porta do inferno: *Lasciati ogni speranza !*

E a inscripção, que o perpassar dos seculos, não havia sido capaz de obliterar, sumiu-se á luz refulgente, que a anatomia pathologica derramou a jorros nos vastos dominios das sciencias medicas; e desde então a terrivel inscripção poude ser substituida por est'outra mais consoladora: *não percas a esperança ; é possivel a tua cura, se sequires á risca os preceitos da medicina.*

Com effeito desde o momento em que a anatomia

pathologica refulgiu em todo o seu esplendor, confirmou-se cada vez mais a doutrina da curabilidade da pthysica pulmonar; tão evidentes eram as provas.

A anatomia pathologica em nenhuma doença offerece tantas provas de cura, escreve o doutor Carswell, como as que se referem á pthysica pulmonar.

Vamos, pois, organizar um quadro, no qual tentaremos delinear os processos mais frequentemente empregados pela natureza na cura da pthysica pulmonar.

Será o objecto principal da primeira parte d'este trabalho.

I

Os antigos serviam-se da palavra pthysica para exprimir todas as desordens funcçionaes, que se traduziam por emaciação, e quebrantamento geral de forças; na linguagem medica moderna convencionou-se reservar-a para exprimir exclusivamente a affecção tuberculosa dos pulmões.

E' no tecido conjunctivo d'estes órgãos, que se produzem, desenvolvem e transformam pequenas nodosidades cinzentas e semi-transparentes—tuberculos—que, invadindo os pulmões, ou se multiplicam, e os individuos morrem por uma asphyxia lenta; ou amollecem, e são expellidos pela expectoração; nos pontos que correspondiam aos tuberculos, ficam cavernas, verdadeiras ulceras ôcas, cuja suppuração, consome e ar-

rebata os doentes: eis uma ideia quasi exacta da marcha mais ordinaria da pthysica pulmonar.

O tuberculo, escreve Virchow, é uma producção pobre, uma neoplasia miseravel desde a sua evolução. Ao tempo que começa a formar-se, pode ser atravessado, como todas as neoplasias, por vasos. A' medida que vae augmentando de volume as pequenas cellulas, que o formam, tornam-se tão numerosas, tão compactas, comprimem-se tanto umas ás outras, que os vasos de pequeno calibre se obliteram, ficando apenas permeaveis os de maior volume. Em geral opera-se promptamente uma metamorphose gordurosa, incompleta as mais das vezes, no centro da nodosidade, no ponto correspondente aos seus mais antigos elementos.

Todos os vestigios de liquido desaparecem do tuberculo, os elementos contraem-se, o centro perde a transparencia, torna-se amarello; é a metamorphose caseosa, que caracterisará mais tarde os tuberculos. Esta modificação propaga-se de dentro para fóra de cellula a cellula, chegando ás vezes a abranger todo o tuberculo.

Vê-se, pois, que a génese de novos elementos produz a compressão, e em seguida a obliteração dos vasos do tuberculo, que, desaparecendo pouco a pouco, deixam sem alimentação as cellulas, que a final morrem d'asphyxia e fome. (1)

O estado caseoso é a terminação regular, mas não necessaria, do tuberculo. Vejamos.

(1) *Peter, thèse de agrégation.*

Sem nos demorarmos com pormenores ácerca da reabsorção e enkistamento dos tuberculos, por serem phenomenos extremamente raros, passemos desde já a dar conta de duas especies de lesões, que apparecem nos órgãos respiratorios, ás quaes convem prestar toda a attenção, porque significam a cura da pthysica, nosso objecto agora: são as concreções cretaceas e calcareas, e as cicatrizes do tecido pulmonar.

Concreções pulmonares

Pour moi les concrétions véritablement crétacées ou calcaires, c'est à dire, presque toutes les concrétions des poudons, sont le résultat de la transformation de tubercules, sont des tubercules guéris.

C. Rogée.

Dá-se o nome de concreções pulmonares a certos corpos com apparencia de pequenas pedras encontradas as mais das vezes no parenchyma dos pulmões. A sua frequencia tem sido observada pela maior parte dos auctores que se tem occupado de anatomia pathologica.

Os annaes da sciencia registram numerosas descrições de concreções cretaceas e calcareas, que tinham séde nos pulmões.

Aristoteles (1) refere-se a calculos, que muitas ve-

(1) *De part. anim. liv. 3. c. 4.º*

zes appareciam nos pulmões das victimas, que eram offerecidas em sacrificio aos deuses.

Schenk (1) deixou uma extensa descripção d'estas materias calcareas.

Galeno, Alexandre de Tralles, Paulo d'Egina, Fabricio d'Hilden tambem observaram as concreções pulmonares.

Um auctor, que deve sempre ser citado, quando se trata de factos anatomicos, Morgagni, legou-nos uma historia quasi completa das concreções; na 15.^a carta, consagrada ás lesões de respiração, produzidas por causas situadas não só fóra do peito, mas tambem no interior dos pulmões, especialmente por calculos, resume em poucas palavras a noticia de todos os trabalhos, que havia a este respeito: ali se vê que *Curcio ao dissecar um cadaver encontrou-lhe pequenos calculos nos pulmões; Boerhaave refere muitas observações do mesmo genero, e Fabricio d'Hilden viu um pthysico expellir um grande numero de pequenos calculos.*

Bayle (2) por não interpretar bem os factos, em vez de considerar as concreções pulmonares, como transformações da materia tuberculosa, como um esforço da natureza para se libertar do mal, que a assoberbava, viu n'estas producções uma especie de pthysica, que, com o nome de calculosa, introduziu na sua classificação.

M. Rogée, encarregado em 1838 do serviço inter-

(1) *Obs. med. rar., liv. 2.º, ubi de pulm. calc.*

(2) *Recherches sur la phtisie pulmonaire.*

Obs. 33 et 34.

no d'uma das secções de medicina da *Salpêtrière*, procedeu a numerosas necropses; em 100 velhos encontrou 51 com transformações calcareas.

Não se pode, pois, pôr em duvida, em vista dos factos que ficam expostos, que as concreções apparecem com muita frequencia nos órgãos da hematose.

O vertice dos pulmões é a séde ordinaria das concreções; umas vezes occupam o parenchima pulmonar, outras encontram-se na pleura. O seu volume é aproximadamente egual ao das sementes de linho ou ao d'uma ervilha; podem por excepção ser tão volumosas, como avelans.

A forma mais frequente das concreções cretaceas é arredondada; as concreções calcareas apresentam-se debaixo de formas variadas; a sua superficie irregular é erizada de numerosas asperezas. A consistencia das concreções cretaceas não é constante, notam-se-lhes gradações; as concreções calcareas tem a dureza da pedra.

Pelo exame interior das concreções pulmonares reconhece-se que ellas são constituidas pela reunião de moleculas semelhantes e juxtapostas, formando massas amorphas, como os mineraes—falta-lhes textura fibrosa e coherencia solida, para ter fundamento o nome de ossificações, que alguns auctores lhes deram.

As concreções cretaceas e calcareas podem encontrar-se simultaneamente nos pulmões d'um mesmo individuo, ou cada uma d'estas especies isoladamente. Quando coexistem as duas especies de concreções no mesmo pulmão, apparecem nucleos de materia cretacea,

contendo no seu interior particulas mais ou menos volumosas de materia calcarea. Com estas duas especies de concreções acha-se ás vezes tambem associada materia tuberculosa; e, como esta circumstancia é importante para o fim que nos propomos, transcrevemos dois exemplos, que sam tambem demonstração do que acabamos de dizer:

A. *Procedendo á necropse d'uma alienada de 65 annos d'idade que havia morrido pthysica, M. Rogée encontrou as seguintes alterações: o vertice do pulmão esquerdo adherente á parede thoracica; na sua superficie, especialmente no lobo superior, quatro ou cinco pregas, a cada uma das quaes correspondia um nucleo duro do volume d'uma avelan pouco mais ou menos.*

N'um dos nucleos, dividido em duas partes por uma incisão, via-se materia tuberculosa na periphéria, mais dentro materia cretacea humida, materia cretacea secca, e em fim no centro uma concreção muito dura.

B. *Observando os pulmões d'uma mulher, que havia fallecido de 80 annos, Rogée verificou nos lobos superiores dos pulmões muitos nucleos de materia evidentemente tuberculosa. Um d'estes nucleos semelhante aos outros pelos seus caracteres exteriores era constituido por materia cretacea muito molle, em cujo centro havia uma pequena concreção calcarea.*

A composição das concreções pulmonares, segundo a analyse feita por M. Lachave, é a seguinte:

Saes soluveis 65 por 100.	{	Chlorureto de sodio . .	30
		Sulfato de soda . . .	10
		Phosphato de soda . . .	25

Saes insolueis 35 por 100.	{	Phosphato de cal . . .	17
		Carbonato de cal . . .	15
		Oxido de ferro . . .	2
		» de manganez. . .	1
		Silica	vestigios
			100

Os tuberculos, segundo o mesmo chimico, tem a seguinte composição:

Saes soluveis 65 por 100.	{	Chlorureto de sodio. . .	16
		Sulfato de soda . . .	14
		Phosphato de soda. . .	35

Saes insolueis 35 por 100.	{	Phosphato de cal . . .	19
		Carbonato de cal . . .	12
		Oxido de ferro . . .	4
		Silica	vestigios
			100

Tem sido mui differentes as opiniões emittidas a respeito da natureza e origem das concreções pulmonares; qual queria que fossem humores que se haviam concretado nos bronchios; qual queria que fossem corpos de natureza particular, *sui generis*, capazes de provocar os symptomas da pthysica.

Movediço, como era o terreno, em que se baseavam estas opiniões, não poderam ellas ficar de pé em presença dos esplendidos progressos, que as investigações minuciosas, poderosamente auxiliadas pelo microscopio e pela analyse, trouxeram á sciencia. Veio a ver-

dade substituir o erro, e, hoje não ha que duvidar, as concreções pulmonares sam tuberculos transformados em materia, que não prejudica a saude d'um modo muito sensivel. Eis as provas.

As concreções apparecem exactamente nos mesmos pontos, que sam séde de predilecção dos tuberculos. E' quasisempre no vertice dos pulmões que os tuberculos se desenvolvem antes de invadirem o resto d'estes orgãos; e, regra geral, é no vertice que elles sam mais numerosos; é exactamente assim que as concreções se acham distribuidas nos pulmões. As mais das vezes a evolução tuberculosa faz-se conjunctamente em ambos os pulmões; a observação demonstra que o mesmo acontece relativamente ás concreções.

Quando os tuberculos e as concreções coexistem no mesmo pulmão, veem-se nucleos tuberculosos, no centro dos quaes ha materia cretacea isolada, ou reunidas materia cretacea e uma concreção calcarea, que occupa o ponto mais central: é o que se observa nos exemplos A. e B, que ficam transcriptos. E estes factos não mostram bem claramente a realidade da transformação tuberculosa, a procedencia das concreções? A natureza foi surprehendida na sua obra de reparação.

O resultado das analyses, de que acima se deu conta, demonstram a edentidade, quasi perfeita, de composição chimica, que ha entre os tuberculos e as concreções pulmonares.

Não pode, pois, duvidar-se de que ás vezes se opera no organismo um trabalho reparador, em virtude do qual os tuberculos soffrem a transformação cretacea e

calcarea, que são grãos diferentes d'uma e da mesma modificação.

Cicatrizes pulmonares

Os tuberculos, essas novas formações inorganicas, como muitos querem, alguma vez por fortuna amollecem. e ulceram-se, sarando as cavernas que ficam.

A. F. BRAGA (PATHOLOGIA GERAL)

Os tuberculos, em vez de passarem pelas transformações, que acabamos de assignalar, diminuem de consistencia, amollecem, transformam-se n'uma polpa amarelhada, e sam expellidos pela expectoração; em seu logar ficam ulceras ou cavernas, cujas dimensões sam proporcionaes á materia tuberculosa, que foi expellida. Ora arredondadas sem aufractuosidades, ora atravessadas por taverculas, as cavernas sam tapetadas por uma falsa membrana molle e friavel nas escavações recentes, cinzenta, dura, semi-cartilaginea nas antigas; frequentes vezes falta-lhes a falsa membrana, o tecido pulmonar está a descoberto, e em diferentes grãos de inflamação.

Os antigos admittiam a possibilidade da cicatrização das cavernas pulmonares; correram os tempos e não faltou quem pensasse ao avesso dos antigos: ainda hoje,

depois dos notaveis trabalhos de Laennec, reforçados poderosamente pelo auctor da *Clinica Medica*, M. Andral, ha quem sustente que, formada uma caverna, nunca a sua cicatrização se pode operar. E' uma opinião irronea, como demonstra o exame dos seguintes factos, e de muitos outros, que seria longo enumerar: no mez d'Agosto de 1838, escreve C. Rogée, morreu pthysico no hospital da Caridade um homem de 36 annos d'idade. Na necropsse encontrou-se o pulmão direito crivado de tuberculos; no lobo superior havia uma caverna com as paredes ulceradas. O vertice do pulmão esquerdo continha uma caverna, em que se podia accomodar uma noz. Esta escavação, tapetada por uma membrana muito solida, bastante tenue, lisa, escura, muito adherente ao tecido subjacente, continuava-se com a mucosa bronchica, que punha em communicação a caverna com um bronchio de 3.^a ordem. A membrana offerecia o aspecto de cicatriz bem evidente; forrava-lhe a superficie externa uma tenue camada de tecido pulmonar negro e endurecido. No resto do pulmão viam-se alguns tuberculos isolados.

Uma mulher de 76 annos, morta d'hemorragia cerebral, tinha no vertice do pulmão esquerdo uma cavidade capaz de conter uma avelan; tapetava-lhe o interior uma falsa membrana delgada, solida e liza, através da qual se viam vasos volumosos, que lhe ficavam por baixo. Esta cavidade não communicava com nenhum tubo bronchico; continha um liquido turvo e viscoso semelhante a mucos. No pulmão não havia tuberculos, continha apenas duas concreções petreas.

Laennec encontrou frequentes vezes cicatrizes pul-

monares: a observação 20 refere-se a um pulmão, que continha no vertice uma caverna, que podia alojar um ovo, tapetada por uma membrana semi-cartilaginea, em comunicação com muitos bronchios de diferentes calibres. N'este pulmão havia sete ou oito tuberculos. A observação 19 e 21 apresentam escavações de paredes cicatrizadas no vertice d'ambos os pulmões. Factos analogos se referem na *Clinica Medica* de M. Andral.

Não se póde, pois, pôr em duvida a existencia de cicatrizes nos pulmões, á vista de factos tão auctorizados: os nomes, que os firmam, Laennec, Andral, Rogée e tantos outros, sam garantias sufficientes da sua authenticidade; mas serão ellas com effeito cicatrizes de escavações tuberculosas?

E' no vertice dos pulmões que se encontram quasi constantemente as escavações, que tem sido objecto d'este paragrapho; é tambem o vertice dos pulmões a séde ordinaria dos tuberculos.

Os auctores dam conta de quando em quando do apparecimento de escavações cheias completamente ou em parte de materia cretacea ou calcarea; e sendo a materia d'esta natureza modificação dos tuberculos, como já tivemos occasião de fazer sentir, é de crer que este facto signifique que a escavação actual havia sido previamente occupada por materia tuberculosa.

E se a procedencia das cicatrizes das cavernas não é a que nós lhe assignalamos, que significa a sua existencia nos pulmões? A preexistencia d'um abcesso? Dilatações bronchicas?

A não serem os abcessos metastaticos, que pro-

vavelmente nunca se curam, os abcessos pulmonares são raros, muito mais raros que as cicatrizes, e a sua sede não é exclusivamente no vertice do pulmão.

As dilatações bronchicas, que podem simular cavernas pulmonares, distinguem-se d'estas pelos seguintes caracteres: a membrana das cavidades bronchicas é branca ou rosea, lisa e polida á sua superficie; a membrana, que cobre as escavações, é sempre cinzenta ou escura: os bronchios no ponto, em que communicam com as cavernas, tem as mais das vezes escoriações e irregularidades, que nunca apparecem nas simples dilatações: em volta das cicatrizes das cavernas ha tecido pulmonar endurecido, alterado, com infiltrações de materia negra; o tecido pulmonar circumvizinho das dilatações é normal: ainda mais; nunca se encontraram no mesmo pulmão mais do que duas ou trez cicatrizes de cavernas, ao contrario do que se observa com as dilatações bronchicas, que são sempre multiplas.

Concluiremos, pois, com o auctor da *Auscultation médiate*, e d'um modo analogo ao que fizemos relativamente ás concreções pulmonares, que as cavidades anormaes, que apparecem nos pulmões, são realmente cicatrizes de escavações tuberculosas.

II

Havemos demonstrado nas paginas precedentes que as concreções cretaceas e calcareas dos pulmões signifi-

cavam um esforço, ás vezes proficuo, da natureza para se libertar d'um mal gravissimo—a pthysica; que outras lesões, ascicatrizes pulmonares, eram indicio da preexistencia de tuberculos, que se haviam curado.

E' uma demonstração baseada, quasi exclusivamente na anatomia pathologica: reforçal-a com factos d'observação clinica será objecto d'este paragrapho, complemento da primeira parte do nosso trabalho.

Era já opinião dos antigos que a pthysica pulmonar se curava ás vezes; nem outra coisa quer dizer a seguinte [passagem d'Hippocrates: *le phlegma et la bile se concentrent dans le poumon, et s'y corrompent; si la masse murit, il survient une douleur très vive, de la fièvre et de la toux, les phymas, se crevent, le pus se vide, et il est évacué par les crachats, la cavité restée vide s'affaisse et se cicatrise; mais si la cavité ne se vide pas complètement, du nouveau phlegma arrive des autres cavités, de la tete, comme du ventre, dans le phyma qui le change complètement en pus et le malade périt de flux intestinal.* (1)

E' uma exposição, segundo as ideias da epocha, d'um dos modos de cura da pthysica pulmonar, a cicatrização das cavernas.

Os factos, que serviram de fundamento á opinião dos antigos, á cerca da curabilidade da pthysica sam numerosos; infelizmente não tão completos em seus pormenores, que deem plena convicção de que com effeito se referiam á pthysica e não a outra doença chronica

(1) *Oeuvres completes de Hippocrates, traduction de F. Littré.*

do peito; todavia n'alguns apontam-se symptomas tão notaveis, tão caracteristicos, que não deixam logar á duvida; que doença se manifestaria por tosse, escarros puriformes, hemoptysis, emagrecimento, marcha prolongada, a não ser a pthysica? E é este cortejo de symptomas que os antigos attribuem a grande numero de casos, que nos deixaram descriptos, como se fossem de pthysica.

Embora possa haver contestação a respeito dos casos referidos pelos antigos, a sciencia moderna tem archivado tantos cuidadosamente observados, que não deixam logar a duvidar-se de que a pthysica é curavel.

Laennec e Bayle observaram um homem que, chegado ao ultimo gráo de marasmo por causa d'uma pthysica pulmonar bem manifesta, se restabeleceu completamente e ficou gosando d'uma saude duradoura. (Obs. 27 de Laennec).

Os mesmos auctores observaram outro doente que depois de haver manifestado todos os symptomas da pthysica no ultimo gráo, restabeleceu-se de modo que poudo reassumir novamente as funcções de procurador regio, que continuou a exercer sem encommodo, apesar de ter de fazer frequentemente uso da palavra. (Obs. 28).

Seria ir muito longe, se quizessemos mencionar todos os casos de cura da pthysica pulmonar; duvidar da sua authencidade era ter em pouco a auctoridade de vultos tão respeitaveis, como Laennec e Bayle, era duvidar da propria sciencia.

Para tornar a demonstração completa, para não ficar nenhuma duvida, daremos ainda noticia de casos,

em que o diagnostico, feito durante a vida, foi de todo ponto confirmado pela necropse.

Uma mulher de trinta e tantos annos, appareceu com symptomas de pthysica tão assustadores, que muito se recebeu pela sua existencia; todavia os symptomas foram-se dissipando pouco e pouco até que a tosse desapareceu completamente contra a espectativa dos medicos, que a tratavam.

Passados annos, aos 40 de sua idade, morreu d'um cancro do estomago; pela necropse verificou-se que o vertice dos pulmões estava adherente ás costellas; que por baixo da pleura correspondente ao vertice do pulmão direito havia uma *induração* cinzenta—escura, ficando-lhe subjacente um corpo arredondado de consistencia cretacea, adherente por toda a sua circumferencia ao parenchima pulmonar, que se conservava normal; que perto d'este corpo, e confundindo-se com a *induração* pulmonar, appareciam duas pequenas massas tuberculosas notaveis pela sua friabilidade e secura; que no vertice do pulmão esquerdo havia outra *induração*, que se assemelhava pela côr e extensão á que se notára no pulmão direito; no meio d'esta *induração* via-se uma pequena quantidade de materia tuberculosa dura e friavel. (1)

A cura da pthysica não ultrapassa, pois, as forças da natureza; demonstra-o a observação clinica, confir-

(1) *Andral, Cliniq. med. t. 4. pag. 228*

ma-o a anatomia pathologica: é o que se depreheende do quadro, que a largos traços deixamos esboçado nas paginas, que ahi ficam escriptas. O pincel foi nosso, as tintas mendigamol-as aqui e acolá *nos maninhos de logradouro publico*. (1)

Se o quadro é imperfeito, attribúa-se isso á mão vacillante que o esboçou, nunca á falta de materia prima.

Não se pense todavia que a cura da pthysica envolve em si a ideia da restauração do tecido pulmonar, invadido pelo tuberculo; não! A cellula tuberculisada torna-se impermeavel, nunca mais o sangue lá virá encontrar oxigenio: a parte do pulmão, uma vez occupada pelo tuberculo, não póde servir mais para a hematose.

Se se opera a transformação cretacea, o tuberculo torna-se inoffensivo, o seu repouso indefinido é a cura do órgão; se as cavernas, depois de formadas, chegam a cicatrizar, suspende-se essa suppuração inexgotavel, que vae impellindo os doentes para o tumulto.

Em summa: transformação cretacea, cicatrização das cavernas sam os processos mais frequentemente empregados pela natureza para curar a pthysica.

Em conclusão: a pthysica pulmonar é curavel; e, embora a sciencia não possua nenhum meio seguro para chegar a este fim, incumbe ao medico *alliviar*, quando não póde curar.

(1) *As sciencias sam maninhos de logradouro publico*. A. F. Braga.

SEGUNDA PARTE

Prophylaxia da pthysica.

*La médecine (ceci est à sa gloire et
n'est pas un paradoxe) peut plus sou-
vent prévenir, quelle ne peut guérir.*

Devay, higiène des familles.

Se a Medicina não tem meios certos e seguros para dominar a diathesè tuberculosa, depois da sua evolução, um dos seus ramos, a *Hygiene*, encerra em si elementos, que, opportunamente aproveitados, tem produzido optimos beneficios, logrando sopear aquella manifestação diathetica.

Para que o tratamento prophylactico, escreve M. Louis, dê bons resultados, deve basear-se no conhecimento das causas predisponentes da pthysica; e, a este respeito, só se sabe de positivo que a herança e o temporamento lymphatico predispoem efficazmente para o desenvolvimento dos tuberculos.

Se a herança é uma das causas, que mais poderosamente concorre para a propagação da pthysica, é claro que devemos occupar-nos, embora muito perfuncto-

riamente, d'uma questão delicada, o casamento, ponto de partida de tantas doenças chronicas.

O casamento é certamente um dos actos mais graves, se não o mais grave, da vida, e poucos ha que se pratiquem com tanta leviandade. Uma paixão ephemera, que se desvanece em presença das tristes realidades da vida, conveniencias de familia, cubiça ignara de accumular riquezas, eis o mobil, que ordinariamente associa dois entes que vam procrear innocentes filhos, desde logo votados a uma morte prematura. Esquece-se a moral e a physiologia para se attender simplesmente ás conveniencias sociaes; ha o proposito de deixar aos filhos copiosas riquezas sem se lembrarem que lhes não deixam a saude necessaria para as gozar!

Quantos progenitores veem a morte roubar aos seus carinhos filhos queridos, cuja existencia seria longa e feliz, se a sua união tivesse sido sancionada pela *Higiene*?

Não ha prazeres tão puros, alegrias tão ineffaveis, como as que se gozam no santuario da familia; que será feito dos prazeres, em que se tornarão as alegrias sacrosantas da familia, quando a morte fôr ceifando a eito a vida de gentís donzellas que eram as suas delicias, a de mancebos de intelligencia robusta, que eram as suas esperanças? (1).

Tudo desaparecerá! E os tristes progenitores, depois de esgotarem até ás fezes o calice d'amarguras, que

(1). . . . *ce quelle ame à frapper, c'est la jeunesse, la beauté, la vertu, les intelligences les plus genereuses...* S. Warren, *la Consoption*, traduzida do inglez por M. Chasles.

uma união reprovada pela *Hygiene* lhes havia preparado, só no tumulto acharão allivio ás suas dôres!

Um dos nossos mais predilectos amigos, a quem a Faculdade de Mathematica e a Escóla do Exercito cobriram de virentes louros, escrevia-nos ha poucos dias da Madeira, onde foi procurar linitivo aos seus padecimentos thoracicos..... «passado pouco tempo vi-me inutilisado, «e mesmo assim já me reputava feliz; eis que me succede «uma desgraça maior; qual é a de ver minha querida «irmã soffrendo tanto!

«Proteste sempre contra os casamentos feitos em «más condições physicas. Meu pae, quando casou, era «já velho e doente: morreu, depois de haver procreado «11 filhos, dos quaes só restam 5, e d'estes só 2 tem «saude e offerecem duração. *Os casamentos entre consanguineos tem inconvenientes analogos.* Os noivos, «levados d'egoismo e falta de reflexão, não fazem caso «d'isto, quando se lembram de casar, mas, se vivem, o «arrependimento é certo, e chegam a convencer-se que «o melhor patrimonio, que podem deixar aos filhos, é «saude e cabeça. Eu, como tenho soffrido muito, não «posso deixar de assim fallar, devendo declarar que ainda «hoje respeito as cinzas d'aquelle que me deu o ser.»

Nenhum dos alumnos, que actualmente frequentam o 5.º anno da Escóla, deixou ainda de sentir acerbadas saudades pelo mais intelligente dos nossos condiscipulos, que a morte nos roubou no fim do 2.º anno.

Antonio Joaquim Mendes de Souza Moreira (era o nosso condiscipulo) morreu no verdor dos annos consumido por uma affecção pulmonar, que já havia arreba-

tado oito de seus irmãos. Não ha muitos mezes que um membro da mesma familia se finou no Funchal, victima da mesma affecção, depois de por muitos annos ter illustrado com seus escriptos o *Jornal do Porto*.

A mãe era tuberculosa; foi triste a herança que legou a seus filhos!

Infelizmente exemplos d'estes estam-se reproduzindo todos os dias, e não admira.

Procuram-se com empenho os conselhos da medicina a vêr se se consegue restabelecer o equilibrio das funcções digestivas, que se havia transtornado, e poem-se de parte os bons serviços, que ella podia prestar, quando se trata do vigor e da saude da posteridade!

Vem a proposito estas notaveis palavras, que se lêem n'um livro, já citado, *Higiène des Familles: veut on planter une arbre? ou choisit le temp, la saison; on ouvre la terre, on la prépare; il y a des soins, qui l'on prend: quelle est la fleur, qui n'en exige pas? Il n'y a que l'homme, qu'on produise sans préparation. On ne regar de ni á sa santé, ni á celle de la mère. . . .*

Os legisladores antigos tinham comprehendido tão bem os inconvenientes de certos casamentos, que tomaram medidas mais ou menos rigorosas para os evitar. Lycurgo, dominado pela dupla ideia de dar á republica filhos vigorosos e de diminuir o numero dos casamentos por especulação, supprimiu o dote das raparigas. Esta lei tinha o seo complemento n'outra, que impunha penas aos que voluntariamente se abstinham do casamento.

Na India as leis de Manou creavam ao casamento

numerosos impedimentos dirimentes baseados em considerações d'hygiene.

Em Roma havia leis que prohibiam o casamento dos sexagenarios, por improprios para procrearem. A lei de Nerva não permittia casamentos entre tios e sobrinhas.

Havemos dado uma ideia, embora incompleta, dos gravissimos males, que podem vir á progenie de casamentos realizados entre valetudinarios; a idade prematura ou desproporcionada dos conjuges, certo estado physico ou moral momentaneo tambem influem desastradamente na saude dos filhos, que por ventura forem procreados.

Aristoteles assignala os 18 annos, como a idade mais propria para o casamento da mulher, e os 27 para o do homem; para Platão a idade mais conveniente era aos 30 annos; na Lacedemonia o casamento era prohibido aos individuos d'um e outro sexo antes dos 25; entre os aguerridos povos da antiga Germania era tido por infame o homem que perdia a virgindade antes dos 20 annos: legisladores de povos guerreiros queriam homens valentes, organizações robustas, capazes de arrostar contra os perigos, que a todos os momentos ameaçavam a sociedade d'aquellas remotas eras, e já então sabiam quanto a idade dos progenitores influa no vigor dos filhos.

Os codigos modernos, menos zelosos do bem estar da sociedade futura, permittem o casamento em idade tão precóce, que a progenie hade ser debil, e consequentemente predisposta para a pthysica.

A lei nunca devia senecionar o casamento sem que os individuos tivessem a idade, em que o organismo tem attingido completo desenvolvimento.

A idade mais propria para o casamento do homem é a que varia entre os 22 annos e meio e os 45; e a mulher nunca deve casar antes dos 17 annos e meio, nem depois dos 35. (1)

Os individuos casados em idade prematura entregam-se a excessos, que, debilitando-os, estorvam o desenvolvimento dos seus órgãos; esta circumstancia reforçada por outra de não menor alcance, qual é a de faltarem ao liquido espermatico do homem e ao ovo da mulher qualidades, que os tornam perfeitos, faz com que o producto da concepção venha á luz, fraco e debil, e por consequente predisposto a contrahir as mais graves affecções.

Não raro acontece que os conjuges prematuramente unidos pelos laços do matrimonio se entreguem a principio com transporte aos prazeres, que em breve lhes embotam o sentimento, e os tornam inconstantes; procuram novos prazeres, quebram a fé conjugal: d'aqui a depravação dos costumes, que exerce perniciosa influencia na evolução de muitas doenças.

E' aos casamentos prematuros que se tem attribuido as pthysicas, que devastaram a cito, e chegaram a extinguir, familias numerosas na Hespanha, Italia e Inglaterra. (2)

(1) Devay, *Hygiène des familles*.

(2) Devay, obra citada.

O liquido espermatico viciado em sua natureza pela velhice communica ao novo ser um principio de vida, que não tarda a extinguir-se.

M. Guillemot attribue a esta causa os numerosos abortos, que se succediam n'uma senhora que o consultou, cujo marido apresentava todos os caracteres de caducidade. Morto este, a senhora passou a segundas nupcias, houve filhos, e todos vieram á luz bem organisados. (1)

Ha individuos de organização privilegiada, que apesar da idade, transmittem aos filhos as qualidades phisicas, que lhes haviam proporcionado saude vigorosa e vida prolongada. Sam as excepções.

Considerações analogas se fazem relativamente á mãe: á medida que a mulher se aproxima da idade critica, a sua fecundade enfraquece-se consideravelmente, e o fructo do seu ventre rarissimas vezes traz em si elementos para uma boa organização,

A idade desproporcionada dos nubentes deve, pois, ser, aos olhos do hygienista, uma contra—indicação para o matrimonio.

O estado physico ou moral, embora momentaneo, em que se acham os progenitores, quando exercem as funcções genesicas, podem tambem reflectir-se no physico ou no moral dos filhos.

Esta proposição era um dogma para os medicos e philosophos da antiguidade; *mancebo*, dizia Diogenes a um rapaz estúpido, *teo pãe estava embriagado, quando*

(1) *Caudeau, Traité théorique et pratique de l'art des accouchements*

tua mãe te concebeu; os gregos attribuíam a fealdade de Vulcano á circumstancia de ter nascido de Jupiter embriagado com nectar: exprimiam d'est'arte a inferioridade organica dos filhos concebidos no delirio da embriaguez.

As observações modernas, devidas ao sabio Hufeland, Prosper Lucas e a tantos outros, provam até á saciedade que os filhos gerados, quando os paes estam ebrios, podem vir ao mundo com todos os sentidos embotados, e assignalados com o cunho do idiotismo.

E quem o poderá negar? pergunta Devay: uma affecção moral, uma paixão vehemente, suspende e disvirtua o acto chimico-vital da digestão, provoca quasi instantaneamente a ictiricia, transtorna a secreção lactea na mulher; que admira, pois, que o producto da concepção se resinta do estado physico ou moral, em que se achavam os progenitores?

Não é necessario que os paes sejam tuberculosos para darem o ser a filhos pthysicos; de mais não se nasce pthysico, mas apto para contrahir esta affecção. Todas as circumstancias que concorrerem para a procreação de seres debeis, podem tornar-se n'outras tantas causas predisponentes da pthysica, porque uma organização fraca é um estado cachetico eminente, e todas as cachexias podem provocar a evolução de tuberculos.

Ahi ficam apontados alguns dos numerosos escolhos, que o casamento pode trazer á pro genie: sam de sobra para que o pae da familia, que fôr prudente, que prezar (e todos devem prezar) a conservação e bem estar da sua posteridade, ponha todo o cuidado na escolha d'allianças matrimoniaes, quando seus filhos hajam de as contrahir.

É mui vulgar a opinião de que os casamentos entre consanguíneos predispoem a progeie a graves doenças — tuberculos, escrofulas, deformidades etc etc.

N'este ponto a nossa humilde opinião discrepa da de tantos homens illustres pela sciencia; se sam numerosos os factos, que parecem dar razão aos que reprovam os casamentos consanguíneos, não menos numerosos sam os que se lhes podem contrapor — factos contra factos.

Quaes as rasões scientificas, em que se baseia a opinião, que nós contestamos? Se ha duas familias consanguíneas, nas quaes a pthysica e as escrofulas sam hereditarias, evitem-se novas allianças matrimoniaes entre os seus membros; o contrario seria *apurar* as doenças; mas, se a saude, se a robustez forem apanagio de duas familias consanguíneas, havemos nós, escudados em factos mal intrepetados, estorvar a felicidade de dois seres que se affeçoaram, e para isto havemos invocar a sciencia, que é silenciosa a este proposito?

Se dois factores positivos dam um producto positivo, quaes sam os principios da sciencia, que nos hão de auctorisar a affirmar que da aproximação de dois individuos robustos ha-de resultar um ser fraco e debil, predisposto para as mais graves enfermidades?

Não nos parece, pois, que o gráo de parentesco seja contra-indicação para o casamento, quando os noivos reunam os attributos, que a *Hygiene* exige nos casos geraes.

A missão do medico-hygienista não está terminada, embóra tenham sido desattendidos os conselhos, que era para evitar uma união perigosa, segundo a *Hygiene*,

A união realizou-se a seu pezar; passado tempo, houve a concepção, a noiva tornou-se mãe. E' desde este momento, que os cuidados do medico se tornam necessarios; é desde este momento que convem instituir o tratamento prophylactico a ver se se logra conjurar os perigos, que os precedentes de familia fazem recear para o novo ser.

Para pôr fecho ao nosso trabalho, que urge terminar, enumeraremos rapidamente os cuidados, que devem ser prodigalisados áquella que traz em seo seio o novo ser até que este venha á luz, e bem assim aquelles que devem cercar o recém-nascido durante a idade mais critica.

Serão quatro os periodos, que consideraremos : 1.º —compreheende a vida intra-uterina; 2.º—começa com o nascimento e prolonga-se até aos 5 annos; 3.º—até aos 10 e 4.º—até aos 20.

1.º periodo. Durante a gravidez convem que a mulher faça algum exercicio suave, dirigindo os seus passeios para logares, em que se respire ar puro. Os vestidos devem ser commodos e amplos de modo que não embaracem o desenvolvimento do utero. A alimentação será accomodada ao estado sympathico das vias digestivas. As emoções violentas devem ser evitadas por prejudiciaes.

2.º periodo. Se houver suspeita de que a mãe é tuberculosa, se vem de familia tuberculosa, se é fraca e anemica, não convem que amamente o recém-nascido; é necessario que a substitua uma boa ama, cujo temperamento deverá ser sanguineo, se o da mãe fôr lymphatic.

tico. Não haverá nenhum inconveniente em o filho ser amamentado pela mãe, se ella não fôr tuberculosa, nem vier de familia tuberculosa; até esta circumstancia concorrerá para auxiliar a destruir a predisposição.

Ao setimo mez, além do leite da ama, algumas colheres de caldo, ou de massa, se podem administrar á creança; fortificam-na, augmentando a quantidade dos alimentos, sem fadigarem o tubo digestivo. Reforçada assim a alimentação da creança, não ha perigo em separar-a do leite só depois dos 16 ou 18 mezes. A separação não deve ser repentina; será lenta e gradual para evitar perturbações, que podem sobrevir no seu desenvolvimento. A alimentação tónica, sem ser excitante, de facil digestão, é conveniente. O uso moderado do vinho egualmente convem. A residencia no campo é de muita vantagem; o ar puro, que alli se respira, a liberdade, que lá se gosa, dam optimos resultados. Não convem *metter as creanças n'uma redoma*; pelo contrario deve favorecer-se a tendencia, que se desperta, para exercicios e divertimentos proprios d'esta idade. Na Inglaterra e na America do Norte ha um methodo excellente, porque dá ao organismo energia bastante para resistir á acção dos agentes exteriores, tão prejudicial em dadas circumstancias: consiste em passar uma esponja imbebida em agua fria pelo corpo da creança, e enxugar-lh'o em seguida suavemente com uma flanella; provoca-se assim uma reacção muito salutar.

3.^o periodo. Durante este periodo o nosso alumno cercar-se-ha dos mesmos cuidados hygienicos, que lhe haviam sido dispensados no 2.^o periodo, depois de apartado,

do leite. Grande vantagem lhe pode advir dos exercicios gymnasticos feitos com prudencia, os quaes convenientemente combinados com a hydrotherapia despertam o appetite e provocam um somno reparador, condições essenciaes para o seo desenvolvimento.

E' no 3.^o periodo que as creanças começam a entregar-se aos exercicios intellectuaes. E' de maxima conveniencia que estes sejam muito suaves, alternando-os com a gymnastica e com os divertimentos usados n'esta idade.

Se a natureza d'este trabalho, se a estreiteza de tempo permittissem, haviamos aqui tornar bem salientes os defeitos, que andam annexos ao nosso systema de ensino primario, que obriga as creancinhas a privarem-se do ar puro, e da luz do sol durante a melhor parte do dia com grave prejuizo do seo desenvolvimento e saude.

O systema de ensino primario, como se usa entre nós, menos preza os principios mais vulgares da hygie-ne, é um attentado contra a saude dos que frequentam as escolas regias.

Convem, pois, que as creanças predispostas para a pthysica não frequentem as escolas publicas; a instrucção primaria deverá ser-lhes ministrada sob a inspecção de seos paes.

4.^o periodo. E' aos 10 annos d'idade que as exigencias sociaes forcem os paes a preparar o futuro de seos filhos; é durante o 4.^o periodo que se torna necessario as mais das vezes que os filhos se separem de seos paes para receberem a instrucção litteraria ou profissional.

E' nos collegios que geralmente se procura a instrução litteraria.

Todos nós sabemos os perigos, a que estas casas expõem as creanças, que as frequentam ou habitam; a tal preposito ouçamos um notavel escriptor francez: os collegios, diz elle, *que offerecem tantas vantagens a muitos respeitos, deixam todavia muito a desejar; cuida-se pouco do desenvolvimento physico. As creanças occupam-se em exercicios intellectuaes 12 ou 14 horas por dia, e, durante o recreio, não brincam; passeiam conversando. D'aqui resulta um exercicio prematuro e excessivo das faculdades intellectuaes, e consequentemente do systema nervoso central; o systema nervoso peripherico fica inactivo, e o cerebro conserva-se n'um estado de excitação, e até de erethismo. Este estado de coisas é tão funesto á saude, como perigoso na ordem moral.*

A que desvarios de imaginação se não entregam estes jovens, sempre estimulados pelo trabalho do pensamento n'uma idade, em que não é possível concentrar completamente a attenção ? !

Convem tambem não esquecer as excitações geneticas, que a vida sedentaria augmenta e torna precoces, nem as conversações, em que os jovens collegiaes se intertem durante o recreio, e que por sem duvida se não referem nem ao Virgilio, nem ao Horacio. Eis uma das causas d'esses funestos habitos, que se contraem nos collegios, e que sam um poderoso despertador das affecções diathesicas.

Evitem-se n'esta idade exercicios intellectuaes

muito intensos, que expõem as creanças aos perigos, que aponta o notavel escriptor francez, a que já alludimos; combinem-se sabiamente os exercicios intellectuaes com os exercicios physicos moderados.

A natção, a gymnastica, que poem em acção grande numero de musculos, favorecem o desenvolvimento da cavidade thoracica.

Sam immensas as vantagens, que a gymnastica pode produzir n'esta idade; desenvolve o systema muscular, fortifica a constituição, modifica favoravelmente o tèmperamento e auxilia a digestão.

Aproveitemos, pois, este meio, de que os gregos tiravam tantas vantagens.

O acordar das funcções genesicas nos dois sexos, o apparecimento d'uma funcção nova na mulher, offerecem tantos perigos, e exigem tantos cuidados, que é precisa toda a attencção dos paes durante este periodo.

Deve haver todo o cuidado na escolha da profissão, que ha de seguir o mancebo predisposto para a pthysica; convem dar preferencia áquella que não emba-rece a livre expansão dos pulmões; que o não prive de respirar u'um ambiente, em que a pureza do ar se reuna a outras condições hygienicas; que ponha os orgãos da hematose a coberto de corpusculos irritantes.

Durante os differentes periodos, que enumeramos, a alimentação deve ser tonica e substancial.

Aos 20 annos já o nosso pupillo deve ter a intelligencia e o instincto de conservação bem desenvolvidos; poderemos, pois, deixal-o entregue ao uso da sua rasão depois de lhe havermos dado os devidos conselhos, e indi-

cado os perigos eminentes, que corre a sua saude.

Infelizmente nem todos podem cercar-se de tantos e tão aturados cuidados, como os que sam necessarios para sapear a manifestação da pthysica.

Ditosos os que poderem conseguil-o! *Non licet omnibus adire Corinthum!*

PROPOSIÇÕES

ANATOMIA—Os pulmões não sam órgãos glandulares.

PHYSIOLOGIA—A physiologia é a base da pathologia.

MATERIA MEDICA—O oleo de figados de bacalhão deve ser banido da therapeutica da pthysica.

PATHOLOGIA GERAL—E' mais provavel que se transmittam aos filhos as doenças hereditarias da mãe, do que as do pae.

MEDICINA OPERATORIA—Regeitamos por inefficazes e perigosas as injeccões irritantes aconselhadas para a cura radical da ascite.

PATHOLOGIA INTERNA—E' possivel a cura da pthysica.

ANATOMIA PATHOLOGICA—As cicatrizes pulmonares sam quasi sempre indicio da preexistencia de tuberculos.

OBSTETRICIA—O desleitamento precóce é causa de muitas doenças da primeira infancia.

HYGIENE—A cultura dos arrozaes deve ser regulada, mas não prohibida.

Approvada.

Póde imprimir-se.

Porto 12 de julho de 1871.

DR. JOSÉ CARLOS LOPES.

O Conselheiro Director
Costa Leite.

JURY

OS ILM.^{mos} E EXCELLENTÍSSIMOS SENHORES

PRESIDENTE

Dr. José Carlos Lopes

VOGAES

{ Conselheira Manoel Maria da Costa Leite
Agastinha Antonia da Santa
Conselheira Antonia F. de Macedo Pinto
Antonia d'Oliveira Monteiro

